



P180/S3-P53 A AMAMENTAÇÃO COMO FATOR DE PROTEÇÃO ÀS DISLIPIDEMIAS

Ms. Pedro Antônio Souza de Almeida¹, Sra. Kéllyda Cinnara da Silva Moura¹, Sra. Ana Maria Abreu de Oliveira¹, **Srta. Letícia Batista de Azevedo**, Srta. Roberta de Oliveira¹, Dra. Maria Del Carmen Bisi Molina¹, Sra Haysla Martins Xavier¹

¹Universidade Federal Do Espírito Santo, Vitória, Brazil.

Introdução: A amamentação é comprovadamente benéfica para a saúde da criança, tanto a curto quanto a longo prazo. Quando comparadas, a alimentação por fórmula tem benefícios semelhantes à amamentação, porém esta vem sendo associada à redução de taxas de hipertensão, resistência à insulina e síndrome metabólica em estágios mais avançados da vida. Os níveis de colesterol na corrente sanguínea são preditores de doenças cardiovasculares, é desejado que os níveis de colesterol total (CT) estejam abaixo de 150 mg/dL e LDL-Colesterol abaixo de 100 mg/dL. Mesmo parecendo controverso, o leite materno possui maior quantidade de colesterol quando comparado às fórmulas, o que aparenta regular a produção de colesterol endógena através de feedback negativo na produção hepática da hidroximetilglutaril coenzima A. **Objetivo:** Verificar a influência da amamentação nos níveis de colesterol em estágios mais avançados da infância. **Métodos:** Os dados provêm da primeira onda de um ensaio comunitário com crianças de 7 a 10 anos, realizado em quatro municípios situados na região metropolitana do Espírito Santo: Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica. A coleta dos dados bioquímicos foi realizada nas unidades de saúde de referência dos participantes e as informações sobre amamentação foram obtidas por questionário aplicado no responsável pela criança. A amostra final foi composta por 290 crianças. **Resultados:** O grupo que não foi amamentado obteve médias de CT de 204,21 mg/dL e LDL de 115,8, sendo ambos valores acima da referência, de acordo com a V Diretriz Brasileira de Dislipidemias e Prevenção da Aterosclerose. Já para o grupo que foi amamentado, foi vista uma média de CT de 140,36 mg/dL e 93,62 de LDL. Houve diferença estatística nos parâmetros apresentados quando comparados os grupos amamentados e alimentados por fórmula ($p=0,001$). **Conclusão:** As crianças que não foram amamentadas apresentaram valores de CT e LDL acima do recomendado, colaborando com os achados da literatura acerca dos benefícios exclusivos da amamentação na saúde, sendo um fator protetor a diversas comorbidades a serem desenvolvidas no futuro.

Palavras chave: dislipidemia, amamentação, saúde da criança.

P181/S3-P54 CARACTERIZAÇÃO DO CONSUMO DE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS QUE VIVEM COM OBESIDADE ATENDIDAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE DE UMA CIDADE DE GRANDE PORTE DO BRASIL

Sra. Marinara Mary Ribeiro¹, Sra. Mariana Zogbi Jardim¹, Profa Daniela Silva Canella², Dra. Ariene Silva do Carmo³, Sra. Luana Lara Rocha¹, Sra. Emanuely Porto Oliveira¹, **Prof. Larissa Loures Mendes**

¹UFMG/ GEPPAAS, Belo Horizonte, Brazil, ²UERJ, Rio de Janeiro, Brazil, ³Ministério da Saúde, Brasília, Brazil.

Introdução: A obesidade é uma doença multicausal que envolve fatores genéticos, psicossociais, nutricionais e comportamentais. **Objetivo:** Descrever o consumo alimentar de crianças que vivem com obesidade, atendidas na Atenção Primária à Saúde, em Betim, Minas Gerais. **Métodos:** Estudo transversal parte da pesquisa intitulada Manejo da Obesidade Infantil no Contexto da Atenção Primária à Saúde: Uma Abordagem Baseada na Intervenção Intensiva de Múltiplos Componentes, realizada com uma amostra representativa de crianças com obesidade (escore $z \geq +2$ para IMC/Idade), atendidas nas Unidades Básicas de Saúde de Betim, Minas Gerais, Brasil entre agosto (2022) a fevereiro (2023). A avaliação do consumo foi realizada de acordo com a frequência de consumo de alimentos ultraprocessados (AUP) do dia anterior. **Resultados:** Foram avaliadas 168 crianças, sendo 57,7% do sexo feminino, com uma média de 8,5 (1,3) anos de idade. A maioria das mães possuía o ensino médio completo (56,7%) e 57,1% das famílias tinham renda mensal superior a um salário mínimo e meio e 50,6% apresentavam algum grau de insegurança alimentar. Quanto ao consumo de AUP Quase metade das crianças consumiu pães ultraprocessados (47,0%) e 41% consumiram refrigerantes. Uma em cada 3 crianças consumiu sucos de pacotes (36,1%), biscoitos doces (35,5%), presunto (34,9%), guloseimas (34,3%) nuggets, hambúrguer e salsicha (33,7%) e bebidas lácteas ultraprocessadas (30,7%). **Conclusão:** O consumo excessivo de AUP pode favorecer o ganho de peso não saudável, sendo necessárias intervenções ainda na infância, a fim de contribuir para o manejo adequado da obesidade infantil.

Palavras chave: consumo alimentar, obesidade pediátrica, atenção primária à saúde.

